

ALGUMAS IDEIAS CENTRAIS NO MÉTODO “JUST THERAPY” *

SOME CENTRAL IDEAS IN THE “JUST THERAPY” APPROACH

ALGUNAS IDEAS CENTRALES EN EL ENFOQUE DE “JUST THERAPY”

RESUMO: Este documento abrange trechos de uma palestra sobre Terapia de Família e Justiça proferida na *Second Australia and New Zealand Family Therapy Conference* (Segunda Conferência de Terapia de Família da Austrália e Nova Zelândia), Melbourne, em julho de 1992 e contém a linguagem de três culturas do Centro da Família: maori, samoana e inglesa. Os dois profissionais apresentam em suas perspectivas, a condição feminina samoana e a condição masculina *pakeha* (branca), ao tratarem do desenvolvimento da *Just Therapy*. Este documento é um relato incomum e subjetivo dos fatos históricos que mostram ser cruciais para o desenvolvimento original da terapia no Centro da Família. Por meio de palestras, poesias, contos e canções, o documento delinea contextos culturais, questões de diferença entre os sexos e sócio-econômica, essenciais ao método da *Just Therapy*. “Pertencimento”, “sacralidade” e “libertação” tornaram-se os temas essenciais neste método único de uma terapia anticolonial, antisexistista e anticlasista. Para colocar as coisas do modo mais positivo, este documento apresenta uma história de luta com as questões da equidade que consistentemente tentou criar uma terapia que incluía a experiência de mulheres, de culturas dominadas e de famílias de baixa renda, marginalizadas no mercado.

Palavras-chave: *Just Therapy*; transculturalidade; terapia familiar

ABSTRACT: This document summarizes one conference on Family Therapy and Social Justice that took place on the *Second Australia and New Zealand Family Therapy Conference*, in Melbourne, on July 92. It encloses the languages of the Family Center’s three cultures: maori, samoan and english. The two professionals show their perspectives, the Samoan feminine condition and the Pakeha (white) masculine condition, when they talk about the development of *Just Therapy*. It’s an unusually subjective description of historical facts that turned to be crucial to the particular development taken by therapy in the Family Centre. Through lecture, poetry, tales and songs the document pictures cultural context, gender and socio-economical issues, that are central to *Just Therapy* method. Belonging, Sacredness and Liberation became the essence of this unique anticolonial, anti-sexist and anti-class therapy. Putting things in a positive way, this document presents the history of equity questions that consistently tried to create a therapy that includes females, culturally dominated cultures, and low income and out of market marginalized families’ experience.

Keywords: *Just Therapy*; transculturality; family therapy

RESUMEN: Este documento resume una conferencia sobre Terapia Familiar y Justicia Social que tuvo lugar en la Segunda Conferencia de Terapia Familiar de Australia y Nueva Zelanda, en Melbourne, en julio de 1992. Incluye los idiomas de las tres culturas del Centro Familiar: maorí, samoano e inglés. Los dos profesionales muestran sus perspectivas, la condición femenina samoana y la condición masculina Pakeha (blanca), cuando hablan del desarrollo de la Terapia Justa. Es una descripción inusualmente subjetiva de hechos históricos que resultaron ser cruciales para el desarrollo particular que tuvo la terapia en el Centro de Familia. A través de conferencias, poesía, cuentos y canciones, el documento describe el contexto cultural, el género y los problemas socioeconómicos, que son fundamentales para el método de Terapia Justa. La pertenencia, la sacralidad y la liberación se convirtieron en la esencia de esta singular terapia anticolonial, antisexistista y anticlasista. Poniendo las cosas de una manera positiva, este documento presenta la historia de las cuestiones de equidad que consistentemente intentaron crear una terapia que incluye mujeres, culturas culturalmente dominadas y la experiencia de familias marginadas de bajos ingresos y fuera del mercado.

Palabras clave: Terapia Justa; transculturalidad; terapia familiar.

**CHARLES
WALDEGRAVE** ¹

KIWI TAMASESE²

¹ *Family Centre Social Policy Research Unit, Nova Zelândia*

² *Pacific Secon of the Family Centre, Nova Zelândia*

Publicado pela primeira vez na Revista NPS 19.

* *Just Therapy* - Este termo refere-se à abordagem dos autores à terapia voltada à justiça social e à tentativa de re-entrosamento do indivíduo com sua cultura de base. (Nota do tradutor)

O artigo foi publicado no *Jornal de Terapia de Família da Austrália e Nova Zelândia*, 14:(1) pp. 1-8, 1993. Foi reimpresso aqui com a permissão dos autores e do editor.

Solicitações de reprints devem ser endereçadas a: Charles Waldegrave & Kiwi Tamasese, The Family Centre, P.O.Box 31-050, Lower Hutt; (Wellington), New Zealand, Tradução de Suzana Vasques Pinheiro Santos.

SAUDAÇÃO DE KIWI

E znuamua ona ou ta le vai afei ma ou faatalofa I le pala o le fonotaga nei.
 I le pala o tagata nuu ole motu nei - Talofa lava!
 I le pala lasilasi o Ausetalia izza ana faiganuu ese ese Talofa lava!
 I le pala o Aoeteatoa ma ona sul u~ufono o le fonotag~e nei. Talota lava!

Extraímos das águas da tranquilidade a esperança de que, em seu conforto, possamos nos encontrar hoje. As águas da tranquilidade são as do Pacífico. As próprias águas de onde nasceram o Haváí, ao norte, Papua e Nova Guiné, a oeste, Marquesas, a leste, e, ao sul, a Terra do *Dreamtime* — Austrália e Aotearoa — Nova Zelândia.

Este corpo de água confortadora do qual nascemos tocou nossas diferentes praias, escrevendo-nos diferentes culturas, dotando-nos de diferentes vozes e repousa à espera de nosso discurso, do nome que daremos a ela.

Damos nome à sacralidade das culturas de seu povo desenvolvidas ao longo de milhares de anos em suas diferentes praias?

Damos nome à sua dizimação?

Damos nome à sacralidade de sua coragem?

Damos nome à sua sobrevivência e lutas diárias?

Damos nome a todos ou, em nossa não nomeação de seus povos, transformamos todas as águas confortadoras em uma piscina de lágrimas lamentando nossa negligência?

Dar nome é, na verdade, um ato de coragem, um ato político, um ato precioso, um ato que atribui pertencimento, que leva à sacralidade.

Dar nome é um poderoso ato de definição.

Dar nome, se isso dá vida, é um ato de liberação.

A ti, povo de *Coorie*, trazemos nossa Saudação e nosso amor sagrado dos povos das praias de onde viemos, Samoa e Aotearoa. As águas do nosso nascimento quebram em ondas de sangue em nossas praias, contando-nos de sua aflição.

Em sua Saudação a nós, você falou da Cura, do Passado e de seus sonhos de um futuro mais brilhante. Por sua coragem em nomear e na consagração de sua jornada, nós os saudamos.

À terra e às praias desta ilha do *Dreamtime* nós trazemos saudações. A todos vocês, povos da Austrália e suas diversas comunidades e suas estórias sagradas de sofrimento e esperanças, nós trazemos saudações. Ao povo da Ilha da América e da Finlândia, nós trazemos saudações. Aos povos de Aotearoa, Maori e Pakeha que lutam diariamente com questões de famílias e comunidades, saudamos vocês nessas lutas!

A vocês seniores e profissionais desta disciplina que trazem vida e inteireza às famílias, Waldegrave e eu nos juntamos aos nossos colegas aqui, Flora Tuhaka e Richard Sawrey e a todos os colegas do Centro da Família e suas famílias expandidas *aiga/whanau*, estendendo a elas nossa saudação.

Possam as águas do Pacífico levantar-se em ondas e quebrar na praia trazendo então esperança, trazendo inteireza às muitas famílias como resultado de nosso trabalho durante estes dias.

SAUDAÇÃO DE CHARLES

Leva-se um bom tempo para se dizer “olá” na Nova Zelândia!

Venho de um grupo de homens e mulheres de três diferentes culturas. E é nosso costume, nestas ocasiões, saudar as pessoas ao modo do Pacífico. Primeiro em maori, o primeiro povo nativo de nossa terra de Aotearoa (Nova Zelândia).

Whakamoemiti kite Atua mo nga manaakitanga me nga awhina kla matou.

Te tangata whenua a Ahiterei ria, koutou te tangata Coorle tena koutou. Nga rnhinuia kia koutou.

Nga kalwahakakahaere o tenei hui tena koutou. Nga rangatira me nga whanau awhina, Tena koutou Tena koutou Tena koutou katoa.

Primeiramente, agradei à fonte e ao espírito da vida pelos muitos modos como fomos ajudados e a hospitalidade desta reunião. Em segundo lugar, saudei o povo nativo desta terra, particularmente o povo Coorie de Victoria, após a honra de sua acolhida esta manhã. Em terceiro lugar, agradei aos organizadores desta conferência e, finalmente, saudei vocês, como seniores e chefes que trazem saúde às famílias.

Em samoano: “*E faatalofa atu | le pala lasilasi ua faatasimai*”. Agradei a vocês no mais profundo senso de amor sacrificial, reconhecendo sua própria sacralidade e desejei a vocês, como seniores, a plenitude da vida do Pacífico.

E em nosso terceiro idioma, o qual presumo todos podem entender, saudações a todos vocês de nossos colegas do Centro da Família. Gostaríamos de agradecer aos organizadores desta conferência pelo convite de ministrar esta palestra sobre justiça social.

PALESTRA DE CHARLES

Nunca planejamos criar uma *Just Therapy*. Simplesmente trabalhamos na nossa comunidade. Refletimos sobre nossas experiências com as famílias. Começamos a conferir um significado aos eventos que experimentamos de forma diferente de outros terapeutas. Começamos a fazer perguntas diferentes em terapia. Começamos a entender os problemas das pessoas de formas alternativas. Isso nos levou a trabalhar com uma gama mais ampla de trabalhadores, famílias, culturas e grupos sócio-econômicos.

Foi arriscado, porém. Por isso, desenvolvemos um método de ação/reflexão no nosso trabalho. Aprendemos a monitorá-lo cuidadosamente, prestando conta uns aos outros e às nossas comunidades. Desenvolvemos procedimentos para prestar contas para as comunidades culturais e para as mulheres ligadas ao Centro da Família.

Depois de um certo tempo, começamos a compartilhar o trabalho. Para nossa surpresa, as pessoas pareceram realmente interessadas. Isso foi seguido pelos altos e baixos do desafio e do incentivo que um novo trabalho frequentemente traz. Quase desistimos de levá-lo adiante. Foram, aliás, alguns australianos e outros colegas que nos encorajaram a relatá-lo, ensiná-lo e divulgá-lo. Aceitamos o conselho deles e publicamos a monografia *Just Therapy*.

Desde então, temos levado essas ideias a diferentes partes do mundo. Os colegas aqui e acolá têm exigido de nós que reflitamos profundamente sobre nosso trabalho, aperfeiçoando-o e narrando sua história.

Permita-me apontar as três aberturas na nossa história que modificaram o significado que damos aos fatos.

PRIMÓRDIOS

Sempre trabalhamos a partir de uma base de ação/reflexão, como mencionei anteriormente. Tentamos monitorar as coisas que fizemos. Assim, determinamos um período de tempo, a cada seis meses (que eufemisticamente chamamos de retiro), para que o pessoal de trabalho de campo se retirasse para um lago tranquilo fora da cidade a fim de refletir durante cinco dias. Lá, longe do Centro, longe de nossas famílias e do telefone, refletimos e analisamos nosso trabalho dos últimos seis meses e estabelecemos objetivos para os próximos seis meses.

Foi no terceiro desses retiros, 18 meses depois de termos começado, que compreendemos que muitas famílias que nos procuravam situavam o início de seus problemas em fatos externos à família. Refiro-me a fatos como desemprego, moradia precária ou falta de moradia, experiências de racismo e discriminação sexual. Estávamos tratando os sintomas deles como se fossem sintomas de disfunção familiar, quando, na realidade, nossa análise nos dizia que não eram realmente sintomas da disfunção familiar, mas sintomas da pobreza, do planejamento econômico injusto, do racismo e da discriminação sexual.

As famílias se aproximavam de nós trazendo uma série de problemas resultantes de injustiças. Entre seus problemas estavam doenças psicossomáticas, violência, depressão, delinquência, tensão conjugal, distúrbios psicóticos, problemas entre pais e filhos e assim por diante. E nós fizemos o que a maioria dos terapeutas continua a fazer hoje em dia: tratamos esses problemas como se fossem resultado de disfunções familiares internas.

Assim, as pessoas chegavam a nós deprimidas por causa das condições de moradia e as enviávamos de volta livres da depressão para as mesmas condições. Afinal de contas, éramos apenas terapeutas! Nós as enviávamos de volta para serem felizes na pobreza! E quando refletimos sobre isso, compreendemos que estávamos, sem querer, mas de forma muito eficaz, ajustando as pessoas à pobreza. E compreendemos que é isso o que a maioria dos terapeutas faz com famílias que compõem os 30% da população com níveis de renda mais baixos na maioria dos países do norte e do Ocidente. Este é um grupo muito grande de pessoas. Estimamos que, neste país, estamos falando de cerca de 4 milhões de pessoas e no meu país, de mais de 1 milhão.

Numa reflexão mais aprofundada, compreendemos que eu e a maioria dos terapeutas estávamos agindo politicamente a favor do Estado, inadvertidamente silenciando as vítimas de políticas sociais injustas. Por não relacionar nosso trabalho terapêutico diretamente com as estruturas política, social, cultural e de diferenças sexuais, estávamos sendo coniventes com aqueles sistemas sociais que oprimem, privam e desumanizam as famílias.

Mais ainda, estávamos encorajando, nas famílias, a crença de que, em vez de as estruturas injustas, eram elas as autoras de seus problemas e fracassos. Fizemos isso, apesar de nosso conhecimento do desemprego estruturado na maioria dos países industrializados, a despeito de nosso conhecimento das patologias físicas e psicológicas associadas às condições de moradia inadequadas e a despeito do conhecimento das determinantes patriarcais de violência e abuso sexual.

Essas reflexões nos levaram a novas conversas com as famílias. Por exemplo, quando descobrimos que uma família, que era encaminhada para nós, por outra instituição, com o rótulo de “problemas múltiplos”, estava com grave necessidade de moradia há seis meses ou mais, nós a congratulávamos. Nós as parabenizávamos por terem sobrevivido à crise habitacional. Uma crise que não era obra delas.

Uma crise à qual muitos habitantes de países ocidentais estão sujeitos, por causa do fracasso dos responsáveis pelo planejamento econômico e social em prover adequadamente seus cidadãos.

Ficamos bastante surpresos com a capacidade de muitas famílias de conviver com este tipo de mudança de significado. Não deveríamos ter ficado surpresos porque existem muitas pesquisas que apontam as patologias psicológicas e físicas relacionadas às condições inadequadas de habitação. (Kerns, Smith & Abbot, 1991; McGoldrick, Pearce & Giordanao, 1982; Rosenberg, 1982; Waldegrave & Coventry, 1987). Quando se pensa nisso, compreende-se que, na realidade, não existe nada mais básico para uma família do que a moradia. A maioria de nós provavelmente teria problemas se tivesse que dividir sua casa com uma outra família porque não há outra escolha.

Quando admiramos a capacidade deles de sobreviver e atribuímos a responsabilidade a quem ela é devida, as famílias pararam de culpar a si mesmas e ganharam coragem. Além disso, paramos de ser coniventes com a política social falha sob o pretexto de prática clínica.

RECONHECIMENTO CULTURAL

Lembro-me de trabalhar com meu colega Warihi Campbell nos primórdios do nosso Centro. Ele estava desenvolvendo um trabalho terapêutico com famílias maori. Naquela época, diferentemente de agora, ele não tinha outros colegas maori no Centro. Trabalhava como consultor cultural sempre que havia uma família maori. Tínhamos estabelecido um compromisso absoluto de que nunca nos sobreporíamos a uma orientação dada por ele referente à cultura das famílias maori, seja usando a ciência social, seja usando outros argumentos. Simplesmente atuaríamos segundo seus conselhos.

Uma das primeiras famílias maori que atendemos nos foi encaminhada pelo Juizado da Família por causa de uma disputa pela custódia dos filhos e pelo acesso a eles. O casal havia se separado e o pai estava morando na casa da família com os três filhos. A mãe queria voltar para casa e queria que o pai se mudasse. Ambos eram pais competentes, com bom relacionamento com seus filhos.

Logo ficou óbvio que o pai estava bem contente em se mudar. O problema era que a avó do lado materno não queria que isso acontecesse. O terapeuta, que era *pakeha* (europeu), eventualmente sugeriu que, como ambos os pais estavam de acordo, seria sensato que a mãe voltasse a morar na casa da família e que o pai se mudasse. Eles poderiam, então, explicar sua decisão para a avó mais tarde.

Warihi, por detrás do espelho unidirecional, ficou muito preocupado com isso e falou conosco. Ele informou que tradicionalmente na sociedade maori, o relacionamento primordial é entre os avós e o *mokopuna* (o neto), e não entre os pais e o filho, como acontece em muitas culturas brancas. Se esse casal fosse contra os desejos da avó, corria o risco de afastar-se da família ampliada (*whanau*), pois essa teria motivos para agir dessa forma.

O terapeuta foi instruído a voltar a procurar a família e a transmitir o que Warihi dissera. O casal imediatamente entendeu e concordou porque era maori. Era como um sábio conselho sobre alguma coisa que eles sabiam, mas haviam ignorado. A disputa pela custódia e pelo acesso às crianças foi resolvida imediatamente e de forma amigável. Ambos os pais arranjaram muito tempo para ficar com os filhos.

Quando refletimos sobre isto, compreendemos que, nessa família, teria sido muito injusto aceder aos desejos dos pais e não aos desejos da avó como teria sido injusto para uma família europeia ceder ao desejo dos avós e não ao dos pais. Quando pensamos nisso, compreendemos que era algo que nunca tinham nos ensinado em uma aula de psicologia. As implicações se tornaram muito significativas.

Se Warihi não estivesse lá, teríamos enfraquecido gravemente o apoio da família ampliada que ofereceu a cura e a solução mais natural para o problema. Com a melhor das intenções, teríamos continuado, sempre de forma sutil, a imposição colonial de uma “melhor forma”. Aprendemos naquele dia que o conhecimento da ciência social deve postar-se humildemente ao lado do conhecimento cultural em cenários terapêuticos.

Tornamo-nos muito críticos em relação ao domínio da ciência social nos setores da saúde e bem-estar nos estados industriais modernos. Este domínio tem relegado o conhecimento cultural a uma condição periférica, voluntária e não-profissional.

Cada vez mais, referimo-nos à ciência social como uma forma cultural particular de descrever eventos. Ela não está isenta de valor e foi desenvolvida em países onde o individualismo e os direitos humanos individuais são vistos como conceitos essenciais de saúde e bem-estar. A meta primordial de praticamente todas as psicoterapias modernas é o valor do eu individual. A maioria das culturas não se relaciona com conceitos de individualismo dessa maneira. Culturas baseadas na comunidade e em famílias ampliadas tendem a definir saúde e bem-estar em termos relacionais.

Estes conceitos são muito diferentes, como alguns escritores observaram (Boyd-Franklin, 1989; Gurnoe & Nelson, 1989; Waldegrave, 1986; Waldegrave, 1986). O mesmo acontece com abordagens relativas à espiritualidade. Em muitas culturas, a saúde e o bem-estar são essencialmente conceitos espirituais. As bases da ciência social suspeitam do que é incomensurável e não pode ser comprovado. Portanto, não é de surpreender que o aconselhamento e a psicoterapia tenham tido tão pouco sucesso ou amparo fora das culturas (e frequentemente da classe social) de onde surgiram.

Mesmo as abordagens pós-modernas à terapia, que enfatizam a desconstrução de históricos opressivos, são, no geral, culturalmente comprometidas. Com a exceção de alguma excelente teoria e prática sobre diferença entre os sexos, a maioria das mudanças de significado centrou-se em torno de sintomas ou doença. Elas são primariamente individualistas e não recorrem à profundidade do pertencimento do qual as pessoas vêm. Isto é particularmente verdade, se você vem de uma cultura subjugada na sua sociedade.

Se você é originário de uma cultura dominada no seu país, então precisa de uma terapia libertadora que trate do problema e do contexto colonizador que, em muitos casos, criou o problema em primeiro lugar.

Quando a terapia é ministrada por uma pessoa da sua cultura, que entende e pode recorrer ao profundo senso de pertencimento e relacionamento existente na sua cultura, usando suas palavras, seus conceitos e sua história — então a terapia não está apenas tratando do problema sintomático, mas do contexto colonizador que, usualmente, cria o problema também.

Esta é a verdadeira mudança de significado pós-moderno. Conhecemos poucos terapeutas que estão preparados para tratar nesses níveis de significado.

Isso talvez não constituísse um problema tão grande se não fosse pelo fato estatístico de que quem mais necessita de recursos de saúde e bem estar nos estados

industrializados modernos, geralmente são aquelas pessoas cuja cultura é dominada por esses estados. Em outras palavras, aqueles que determinam os processos e as normas institucionais são pessoas cujas maneiras são diferentes das suas. Isto, por sua vez, aumenta a probabilidade de se criar problemas que irão exigir recursos de saúde e bem estar.

EXPERIÊNCIA COM HOMENS E MULHERES

A terceira abertura da nossa história está relacionada com nosso trabalho com a diferença entre homens e mulheres. Desde que iniciamos, em 1979, o Centro da Família operou intimamente ligado às sobreviventes de abusos, encaminhadas aos refúgios de mulheres locais. As mulheres e suas famílias nos procuravam se estivessem tendo problemas com os seus filhos, disputas com seu ex-companheiro, ou exigências da parte dele, ou se planejavam viver com seu parceiro novamente.

Como fomos treinados como terapeutas a resolver conflitos e incentivar a harmonia, naturalmente empreendíamos esforços para conseguir o mesmo com essas famílias. Tentamos encontrar os pontos nos quais havia acordo, colocar ordem nas discussões muito intensas e encorajar novas formas de relacionamento. Frequentemente, trabalhávamos em equipes como terapeutas de homens e mulheres.

Algumas mulheres, entre elas membros da equipe, clientes e funcionárias do refúgio, tiveram a coragem de criticar aspectos do nosso trabalho. Disseram que, muitas vezes, éramos amáveis demais e muito ávidos em resolver conflitos na terapia e que isto frequentemente calava a experiência delas. Embora questões de violência fossem sempre tratadas, a extensão delas e de outras formas de abusos se perdiam na busca de soluções familiares. Isso fez com que algumas mulheres ficassem ressentidas e até se sentissem traídas.

Ao refletirmos sobre essas críticas, notamos que as mulheres da nossa equipe nos sensibilizaram muito mais para a primazia da experiência das mulheres nas famílias. Embora até recentemente a maioria dos textos psicoterapêuticos fossem escritos por homens, as mulheres sustentam e participam nas famílias mais do que os homens. As histórias das mulheres são diferentes e nós tivemos que ouvi-las.

Ficou evidente que, enquanto continuássemos a lutar com as críticas, inadvertidamente estávamos incentivando as mulheres a se ajustarem ao poder masculino. Fizemos isso comprometendo toda a história delas em relação aos abusos, para fazer com que todos cooperassem de novo. Isso, muitas vezes, facilitou para as crianças em curto prazo, por causa da necessidade delas de terem estabilidade o mais rápido possível, mas as consequências em longo prazo foram bem mais graves.

Algumas mulheres sentiram-se silenciadas depois de tudo o que tinham passado e, em algumas famílias, a violência se repetiu porque não a tínhamos abordado adequadamente em primeiro lugar. Aprendemos a ouvir todas as histórias relevantes, particularmente as das mulheres e os significados que elas davam aos acontecimentos. Elas nos ajudaram a distinguir com muito mais clareza as diferentes formas que homens e mulheres atribuem significados. (Achebe, 1958; Goldner, 1985; Goldner, 1992; Kamsler, 1990; Liepnitz, 1988). O produto desse trabalho gerou um desafio para os homens no centro. Funcionárias do refúgio, outras mulheres da comunidade e da nossa equipe do centro pediram aos homens que comessem a trabalhar com os homens violentos e a desenvolver uma prática que acabasse com a violência. Elas queriam que alterássemos o comportamento tratando do contexto patriarcal.

Começamos a trabalhar com os homens. Aprendemos a expor individualmente e em grupo os significados que os homens dão às mulheres e o aval e encorajamento que a sociedade dá a essas atitudes. Ajudamos os homens a se conscientizarem de sua própria violência e confrontá-la, ajudando-se uns aos outros. Eles aprenderam a ouvir as mulheres e a entender, muitas vezes pela primeira vez, a importância que as mulheres dão aos acontecimentos.

Com o tempo, surgiu um grupo de homens maori e outro de uma ilha do Pacífico como resultado das necessidades de suas comunidades. Eles foram coordenados em linhas bem diferentes, pois trataram do comportamento dos dois sexos na sua própria cultura de formas libertadoras. No decorrer desse processo, todo o trabalho com a diferença de sexos e todo o trabalho com os homens no centro foi relatado para as mulheres.

Isso estabeleceu a estrutura para um diálogo autêntico que permitiu a homens e mulheres agirem contra os efeitos destrutivos do patriarcado de uma forma que inspirou confiança entre eles. Também forneceu a nós, homens, a experiência educadora de passar a supervisão do nosso trabalho para as mulheres. Por meio desses processos, aprendemos como assumir muito mais responsabilidade pelo lado destrutivo da coletividade masculina.

TECENDO UM SIGNIFICADO

Há três aberturas na nossa história. Elas são símbolos de tantos eventos e reflexões sobre os eventos, que levaram à criação do nosso método de *Just Therapy*. Para nós, uma terapia de justiça é aquela que aborda adequadamente os contextos: cultural, de diferença entre os sexos e sócio-econômico.

Aprendemos a evitar a busca positivista científica de diagnósticos, causas, explicações e curas objetivas. Muitas vezes, tal método cria patologia, define-a e a aprisiona. Toda essa denominação é uma criação do terapeuta e está cheia de significado. Até mesmo referir-se a alguém como paciente ou dar nome a uma doença gera uma certa condição que cria suas próprias expectativas.

Ao invés disso, desenvolvemos nossas próprias metáforas que criam diferentes significados. Ao descrever a terapia, muitas vezes usamos a analogia do ato de tecer. Embora o simbolismo da tecelagem seja universal, é particularmente apropriado neste contexto porque evoca a atividade de muitas mulheres do Pacífico Sul. As pessoas apresentam-se com padrões centrados em problemas, e a tarefa do terapeuta é tecer novas tramas de significado e possibilidade que gerem novas cores e novas texturas. A tarefa do terapeuta é afrouxar este padrão apertado e rígido centrado em problemas, possibilitando novos e libertadores tecidos de resolução e esperança.

Uma outra metáfora que usamos com frequência é a da espiritualidade. Por espiritualidade, não estamos nos referindo ao institucionalismo cristão, mas a algo mais próximo do conceito sagrado da vida ou “alma”, em música. Para nós, a conversa terapêutica é um encontro sagrado porque as pessoas se apresentam vivendo uma grande dor e partilham sua história. As histórias que compartilham são sempre profundamente pessoais e elas se expõem muito. São os tipos de histórias que, normalmente, as pessoas só compartilham com seus amigos mais íntimos e com sua família.

Para nós, a história é como uma oferenda muito pessoal ao terapeuta dada em estado de grande vulnerabilidade. Tem um aspecto espiritual. Não é uma patologia científica que requer remoção nem um entendimento errôneo do problema que

requer correção. Mas, sim, uma articulação dos eventos da pessoa e o significado dado a esses eventos que se tornou problemático.

O terapeuta respeita verdadeiramente a estória. A história precisa ser respeitada de um modo não diferente daquele de um amigo confiante que expõe sua dor ou tristeza. O terapeuta ouve a história e ajuda na sua articulação. Ajuda as pessoas a mencionar as partes difíceis, voltar aos pequenos pedaços esquecidos, reconstituindo sua totalidade e toda sua dor.

Então, em resposta à história, o terapeuta oferece uma reflexão profunda a partir da história de pertencimento das famílias. A reflexão destina-se a inspirar determinação e esperança. Na melhor tradição da espiritualidade, oferece significados libertadores, usualmente em torno de uma metáfora central da cultura familiar. Encaramos isso como uma troca sagrada de significado que recorre autenticamente às imagens e às tradições da feminilidade e da masculinidade na cultura.

Neste sentido, espiritualidade é uma metáfora para descrever a conversa terapêutica. A metáfora encoraja os mais altos níveis de respeito e humanidade, qualidades que as metáforas médicas e da ciência social não conseguiram promover. Além disso, porque é sagrada, incentiva o senso de pertencimento. A alma é associada às raízes e à libertação de cada um.

Agora estamos concentrando este trabalho em torno de três conceitos primordiais: PERTENCIMENTO, SACRALIDADE E LIBERTAÇÃO — o **pertencimento** diz respeito à essência da identidade, a **sacralidade** está relacionada com o profundo respeito para com o lado humano das histórias das pessoas e a **libertação** com a liberdade e a inteireza que as pessoas buscam na terapia. Estamos interessados na interdependência entre esses conceitos. Por exemplo, nem todas as histórias de pertencimento são libertadoras e algumas experiências de libertação não são nem sagradas nem estão em harmonia com a cultura da pessoa.

Estas ideias estão lindamente expressas numa canção chamada *Irish Heartbeat* de Van Morrison (soa melhor com a música):

Oh! Você não ficará?

Fique mais um pouco com os seus. Não se perca jamais,

Não se distancie tanto dos seus.

Pois o mundo é tão frio,

Não se importe com sua alma

Fique com os seus.

Não se apresse em fugir,

Fugir correndo dos seus

Mais um dia

Mais um dia junto aos seus.

Sim, o mundo é tão frio,

Não se importe com sua alma

Fique com os seus.

Há um estranho e ele está ajoelhado à
sua porta.

Pode ser seu melhor amigo,

Pode ser seu irmão,

Pode ser que você nunca saiba.

Estou voltando,
 Voltando para os meus,
 Voltando para conversar
 Voltando para conversar com os meus.
 Este mundo todo é tão frio.
 Não se importe com sua alma
 Fique com os seus.

Neste contexto “os meus/seus” refere-se à “essência da identidade”, nosso senso de pertencimento como homens e mulheres na nossa cultura. Assim como Van Morrison coloca isso para si mesmo e seu povo em *Irish Heartbeat*. Embora a maioria das pessoas tenha acesso à sua cultura, para alguns seu senso de pertencimento foi destruído pela guerra, opressão política, migração ou outra razão qualquer. Normalmente, encontra-se aí a chave para explicar a existência de tanto sofrimento.

Muita terapia foi “tão fria” porque “não se importou com sua alma”. E podemos concluir pela canção que ele encontrou a libertação com “os seus”.

Portanto, ao desenvolver a *Just Therapy*, estamos mudando a linguagem. Estamos alterando as metáforas. Estamos incitando os significados silenciosos a virem à tona e nos orientar. As histórias culturais, as histórias das mulheres e as histórias daqueles que se esforçam para sobreviver oferecem contextos decisivos ao nosso trabalho.

PALESTRA DE KIWI

Em sua ânsia, Van Morrison (1988) nos lembra da centralidade do pertencimento “dos seus”.

As culturas com sua linha básica de valores e sua expressão em estruturas, rituais e arranjos, estão no centro do sentido de pertencimento de um povo. As culturas definem identidade. As culturas e seu posicionamento dentro de cada sociedade definem quem e o que somos.

Achebe, romancista africano citando *The second coming de Yeats*¹, relembra-nos da futilidade de um povo perdendo a centralidade de seu pertencimento — sua cultura (Petaia, 1972).

Voando cada vez mais alto
 Num imenso círculo que se amplia
 O falcão não pode ouvir
 O falcoeiro
 As coisas desintegram-se
 O centro não consegue segurar
 A mera anarquia
 Está solta por sobre o mundo.

¹ Supõe-se que a autora esteja referindo-se a William B. Yeats, escritor irlandês que viveu de 1865 e 1939, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1923.

Como e quando esse “voar para longe” da centralidade de pertencimento começou? Quem traçou as espirais e quão distante nosso povo foi levado?

As histórias dos povos do Pacífico são similares e ainda assim diferentes dependendo das condições em que ocorreu a colonização. O resultado final é a marca que as gerações atuais carregam e que as conduzem à porta de um terapeuta hoje em dia.

Compartilho com vocês uma reflexão que escrevi durante o trabalho com uma família samoana que foi encaminhada ao Centro da Família. Esta reflexão é um símbolo de histórias similares confirmadas pelos povos do Pacífico como resultado do colonialismo. Esta reflexão é sobre essa família, sobre minha cultura e a jornada de nosso povo, sobre terapia de família — a continuação do processo colonial definindo as pessoas que estão distantes do seu centro de pertencimento. Eu deixo esta reflexão para que todos nós aqui hoje possamos refletir.

Minha reflexão foi motivada pelo seguinte poema de um poeta samoano chamado Ruperake Petaia (Wendt, 1984).

Eu Penso Nisso!

Em nossa conversa a respeito disso,
Minha palavra como um servidor público dedicado
Por cerca de 5 anos,
Sempre agrado a meu pai,
‘você está indo bem, filho’ diz ele
‘Dedicação e trabalho fiel pavimentam o caminho do sucesso.’

Pense nos muitos samoanos agora usando sapatos com fivelas de metal
e usando meias até o joelho;
Todos com respeitáveis
Futuros empregos garantidos.

Pense nos muitos samoanos,
cada qual com um pedaço de terra livre um carro novo e
uma grande casa *papalagi*.²
Pense neles e em suas vidas, isso é progresso, filho; o caminho do
conhecimento³ exatamente como o *papalagi*

Eu penso nisso e concordo.
Sim, tudo tão verdadeiro, pai,

Os sapatos com fivelas de metal,
As meias até o joelho,
E empregos respeitáveis;
A terra livre,
Carros novos e casas *papalagi*
Exatamente como *papalagis*

Mas,
Você já pensou no que
Eu tenho de perder para me tornar
Um *papalagi* bem-sucedido?
Você sabe que nesse processo
Eu posso perder você, pai?
Minha reflexão por detrás desse espelho “unidirecional” foi redigida em
Cracóvia, Polônia, em 1990. A coragem e a história do povo polonês a inspirou.
Eu penso nisso!
Eu penso na cultura de sua origem,

² *Papalagi* refere-se a Europeu.

³ Aqui, “conhecimento” refere-se à educação acadêmica do indivíduo. (NT)

Penso nos valores de sua cultura dos quais as estruturas cresceram.
Penso nas estruturas de sua cultura que asseguraram a sobrevivência desses valores.
Penso no *faaaloalo* / respeito,
Penso no *alofa* / amor,
Penso na *paia* / sacralidade,
Penso no *feagaiga* / acordo (pacto).
Penso na maneira como esses valores orientaram suas relações com suas irmãs, seus irmãos, seus pais, seus ancestrais, sua *aiga* (família),
Penso na maneira como esses valores orientaram sua relação com a terra,
Penso na coletividade que brota desses valores que asseguram a sobrevivência da sua terra, a sobrevivência da sua família e, em última análise, sua própria sobrevivência.
Penso em você agora, quando se senta com sua família do outro lado desse espelho “unidirecional”, diante da ausência desses valores.

Eu penso nisso!
Penso em mim como um terapeuta de família,
Penso na base de valores desta disciplina.
Penso no individualismo, no materialismo, na racionalidade científica,
Penso no secularismo, na objetividade, nos sistemas de tempo linear, na modernidade.
Penso na vida vivida com base nessas definições,
Penso na pós-modernidade e sua relutância em olhar para a diferença de poder e considerar famílias num contexto histórico.
Penso na imposição desses valores às famílias de outras culturas, arrancando-as dos seus sistemas naturais de apoio, deixando-as vulneráveis às “profissões de ajuda” como a minha própria, deixando-as vulneráveis ao fornecimento estatal de serviços como o meu.
Penso na colonização, não mais com o poder da espada, não mais com a dizimação através da doença, mas sim através da conversa mansa de um terapeuta assumindo como certo o seu sistema de valores ou, mais perigosamente, assumindo que a disciplina é científica, portanto isenta de valor, portanto intercultural e internacional.

Eu penso nisso!
Penso em você enquanto se senta com sua *aiga* na presença de um terapeuta de família.
Penso na sua linguagem corporal, nos seus olhos voltados para baixo, sua cabeça abaixada, mostrando seu respeito.
Penso no significado do terapeuta para isso.
Penso em sua mãe arrancada da casa da feminilidade através do colonialismo, e outros ismos.
Penso na sonoridade do seu silêncio/*musu* — um estado de silêncio temporário ou permanente sinalizando: ‘Preciso de espaço para elaborar isto. Estou em profundo sofrimento’.
Penso no terapeuta e seu significado em relação a isto.

Penso em seu pai e na natureza patriarcal da sociedade neozelandesa, fazendo dele um operário somente para mostrar esse patriarcado entre as quatro paredes de sua casa.

Penso nele abandonando seu vilarejo a fim de poder cumprir, através de *voca*, os sonhos prescritos pelo seu colonizador.

Penso no seu longo discurso, agradecendo o abraço de Deus, agradecendo a presença do terapeuta que reconhece o 'fracasso' de sua família.

Penso no significado do terapeuta em relação a isto.

Penso em você deixando sua irmã falar quando lhe fizeram uma pergunta.

Penso em você conferindo a ela esse direito à voz do *feagaiga*/pacto irmã/irmão.

Eu penso no significado do terapeuta em relação a isto.

Penso em sua família, uma parte da *aiga* maior, no medo que têm da divulgação imprópria da informação, trazendo vergonha não apenas a você, mas aos muitos ligados a você.

Penso em você quando o terapeuta entra trajando jeans, outra confirmação do seu fracasso, afinal, seu 'fracasso' não merece traje respeitável.

Penso em você tentando retribuir (ao terapeuta) o alívio do sofrimento em sua família.

Penso em sua história, o auge de uma história iniciada há muitos anos.

Penso em quando os missionários chegaram e o declararam incivilizado

Penso em suas nacionalidades, descendentes de europeus ingleses ou franceses.

Penso nas classes de onde vieram.

Penso nos valores que trouxeram, na 'Ética do Trabalho Protestante', na desconexão de corpo e alma — sensualidade/espiritualidade.

As imagens de Maria e Eva nas quais as mulheres nativas devem se espelhar.

Penso no golpe dos missionários contra seus deuses (dos nativos), declarando-os pagãos.

Penso nos mercadores que vieram.

Penso nas doenças que eles trouxeram, nos assentamentos forçados que eles iniciaram.

Penso na mensagem que eles trouxeram: a terra é um artigo a ser comprado e vendido — o Homem não pertence à terra — a terra pertence ao Homem.

Penso nas Três Grandes Potências que rivalizaram por vocês — a América querendo-os para seus portos, a Alemanha querendo-os para as plantações de algodão e a Grã-Bretanha querendo mais uma expansão para seu império.

Penso no modo como manipularam seus líderes (dos nativos).

Penso no modo como falharam no acordo e trouxeram seus navios para dentro de seus portos.

Penso na tempestade que destruiu os navios deles.

Penso em vocês desafiando a tempestade para salvá-los do afogamento em seu próprio delírio.

Penso neles retornando a Berlim para assinar o Ato de Berlim, em 1889, dividindo vocês entre eles.

A parte oeste para a Alemanha.

A parte leste para os Estados Unidos em retribuição à não-interferência desses países nos assuntos da Grã-Bretanha na África e em outras áreas do Pacífico.

Penso em como vocês chegam a ser definidos como estrangeiros quando visitam membros de sua família através dos mares.

Penso na colonização alemã sobre vocês.

Penso na mensagem que receberam: ‘Por onde a águia tocar suas garras, a terra é alemã e à Alemanha deverá permanecer’.

Penso na sua determinação em resistir à ‘germanização’ que levou seus Irmãos mais velhos ao exílio.

Penso na Primeira Guerra Mundial — na Guerra Europeia, 1914-1918.

Penso nos assim chamados ‘bravos’ homens neozelandeses que salvaram vocês dos alemães.

Penso neles caminhando na praia de encontro ao mastro da bandeira, colocando vocês no mapa como a primeira Conquista Aliada da Guerra.

Penso no Sonho Neozelandês do materialismo e do puritanismo que foi infundido em vocês através da educação, outro dos processos coloniais.

Penso em vocês lutando por sua independência da Nova Zelândia e alcançando-a em 1962.

Penso em vocês agora no momento em que você e sua *aiga* gentilmente nos encaram — que vocês são vítimas da história, não mais simples ‘carregadores’ das estórias dos conquistadores.

Penso em vocês no momento em que nos ensinam a redirecionar nossa disciplina, enriquecendo nossa profissão.

Penso nos meus colegas que no início estiveram envolvidos nesse redirecionamento.

Penso em Sui Neemia e em suas lutas para encontrar um sentido no meio de tanto sofrimento.

Penso em Tessa Siolo e sua luta para chegar a um acordo com os conflitos culturais.

Penso em Alberto Umaga e suas lembranças de pedaços de histórias.

Penso em Charles hoje, apresentando-se comigo enquanto tenta fazer sentido de nossa e de sua própria visão de mundo.

Qualquer grupo de pessoas forçado a viver à margem de uma cultura dominante guarda dentro de si um fragmento de conhecimento. A margem oferece não só a visão da cultura de alguém, mas também a visão da cultura central, dominante. O indivíduo cresce sabendo que há uma pluralidade de culturas, de sistemas de significados. Cresce também sabendo que enquanto houver uma pluralidade haverá certamente uma diferença de poder entre elas. A cultura central define como e quando os recursos devem ser gastos. Esses recursos definem o tipo e a localização das casas que seus povos irão receber. Eles definem quanto dinheiro você precisa para viver e quando irá recebê-lo.

Lenta ou abruptamente, dependendo da situação, começam definindo como um indivíduo deveria ver o mundo e como deveria ver sua própria cultura. Educação e religião são as espadas poderosas do colonialismo e sua assimilação. Mais perigosas são as profissões de ajuda, porque estas são normalmente definidas pela cultura central junto com seu sistema de significados, impondo ambos, terapia e modelos, a pessoas de outras culturas, arrancando-as do centro ao qual pertencem — sua própria cultura.

A terapia de família não é diferente de outras profissões de ajuda. Precisamos examinar as teorias e os modelos que nós usamos e como estes induzem as pessoas ou para dentro de seu próprio centro de pertencimento ou deixando-as voar como o falcão de Yeats, alto e num imenso círculo que se amplia.

Os pós-modernistas e a sua influência sobre a terapia de família estão reconhecendo o conhecimento dos povos marginalizados. Não há significado único, entretanto nós da periferia sabemos que quem segura as alças da carteira tem mais poder de determinar a quem pertence esse significado adquirido através da educação, da religião ou da terapia de família.

A experiência das mulheres nas mãos da terapia de família é similar.

Convidamos você a assistir nosso workshop no qual iremos analisar a interface cultura/gênero mais detalhadamente.

Em nossas mãos estão muitas vidas que procuram alívio para seus sofrimentos em nós, terapeutas de família. Somos a continuação de uma história colonial e nos tornamos as garras de 1992, que arrancaram pessoas do seu senso de pertencimento, ou somos os terapeutas maduros que conhecem e pesquisam a fim de fornecer cura e pertencimento?

Dê nome aos seus nomes

Dê nome à sua cultura

Dê nome ao seu posicionamento dentro das nossas sociedades

Dê nome à sua história

Dê nomes às suas perdas

Dê nome aos seus mortos

Nomeamos Jack, filho de Jane Waldegrave, falecida no ano passado e Masioto Noue Tupua Tamasese que morreu esta semana.

O poeta samoano Albert Wendt, ao falar sobre isso, disse: 'nossos corpos mortos são os esplêndidos mantos que nossas almas vestem'.

Dê nome à nossa disciplina

Dê nome às falhas dessa disciplina

Dê nome aos seus pontos fortes

Dê nome ao encaminhamento do povo ao pertencimento

Nomear é, de fato, um ato terapêutico.

Nomear é, na verdade, um ato de coragem, um ato político, um ato precioso, um ato que atribui pertencimento que leva à sacralidade.

Nomear é um ato de libertação.

BIBLIOGRAFIA

Achebe, C. (1958). *Things fall apart*. Heinemann.

Boyd-Franklin, N. (1989). *Black families in therapy: a multisystems approach*. New York, NY: Guilford Press.

Buric, M. H. (1986). *Maori health: contemporary issues and responses*. Mental Health Foundation of New Zealand.

Goldner, V. (1985). Feminism and family therapy. *Family Process*, 24, p. 31-47.

Goldner, V. (1992). Making room for both/and. *The Family Therapy Networker*, 16, 2.

- Gurnoe, S., Nelson, J.** (1989). Two perspectives on working with American Indian families: a Constructivist-Systemic approach. In: GONZALES-SANTIN, E. (ed.). *Collaboration: the key*. Arizona State University School of Social Work. Tempe.
- Kamsler, A.** (1990). Her story in the making: therapy with women who were sexually abused in childhood. In: White, C., Durrant, M. (eds.) *Ideas for therapy with sexual abuse*. Dulwich Centre Publications.
- Kearns, R. A., Smith, C. J., Abbot, M. W.** (1991). *The stress of incipient homelessness*. Mental Health Foundation of New Zealand.
- Liepnitz, D. A.** (1988). *The family interpreted*. Basic Books.
- McGoldrick, M., Pearce, J. K., Giordanao, J.** (1982). *Ethnicity and family therapy*. Guilford.
- Morrison, V.** (1988). Irish Heartbeat. On *Irish Heartbeat*. Mercury.
- Rosenberg, A.** (1982). High population densities in relation of Social behaviour. *Ekistics*, 296.
- Petaia, R.** (1972) I think of it. In. Wendt, A. (ed.) *The blue rain*. Suva Press.
- Waldegrave, C. T.** (1986). Mono-cultural, monogroup, and so-called non-political family therapy. *Australian & New Zealand Journal of Family Therapy*, 6, 197-200.
- Waldegrave, C. T.** (1990). Just therapy. *Dulwich Centre Newsletter*, 1, 5-46.
- Waldegrave, C. T., Coventry, R.** (1987). *Poor New Zealand: an open letter on poverty*. Plataform Publishing.
- Walters, M., Carter, B., Papp, P., Silverstein, O.** (1988). *The invisible web*. Guilford.
- Wendt, A.** (1984). Parents and children. In: WENDT, A. *A shaman of vision*. Auckland University Press.
-

CHARLES WALDEGRAVE

Coordenador e Pesquisador Principal na Family Centre Social Policy Research Unit, Nova Zelândia.

<https://orcid.org/0000-0001-9772-0677>

KIWI TAMASESE

Terapeuta Familiar e Pesquisadora de Política Social, Coordenadora do Pacific Secon of the Family Centre, Nova Zelândia.